

Orquestra Gulbenkian

**Aziz Shokhakov
Marco Pereira**



**GULBENKIAN
MÚSICA**

30 abr + 02 mai 25

30 abr 25 QUARTA 20:00

02 mai 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Aziz Shokhakimov Maestro

Marco Pereira Violoncelo

Bedřich Smetana

A Minha Pátria: O Moldava

c. 12 min.

Edward Elgar

Concerto para Violoncelo e Orquestra,
em Mi menor, op. 85

c. 30 min.

1. *Adagio – Moderato –*
2. *Lento – Allegro molto*
3. *Adagio –*
4. *Allegro – Moderato – Allegro, ma non troppo – Adagio*

INTERVALO

Claude Debussy

La mer

c. 23 min.

1. *De l'aube à midi sur la mer*
2. *Jeux de vagues*
3. *Dialogue du vent et de la mer*

Maurice Ravel

La valse

c. 13 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Bedřich Smetana

(Litomyšl, 1824 – Praga, 1884)

A Minha Pátria: O Moldava

—

COMPOSIÇÃO 1874

ESTREIA Praga, 4 de abril de 1875

DURAÇÃO c. 12 min.

Bedřich Smetana é reconhecido na história da música pelo importante papel que desempenhou na afirmação da música nacional checa. A sua educação tinha sido essencialmente germânica, mas no final da década de 1840 deixou-se seduzir pelo fervor revolucionário que então se disseminava pela Europa, concedendo ao folclore checo um lugar crucial na sua linguagem musical. Os últimos dez anos da sua vida foram marcados por um acentuado declínio do seu estado de saúde, devido ao avanço da sífilis. Porém, isso não o impediu de continuar ativo enquanto compositor. Com efeito, em 1874 verificava-se o estabelecimento de uma surdez total, mas foi nos anos seguintes que compôs algumas das suas obras mais relevantes. É dessa fase que data *Má vlast*, um ciclo de seis poemas sinfónicos compostos entre 1874 e 1879, com os quais, em linha com os ideais do nacionalismo musical de finais do século XIX, pretendia descrever aspetos da geografia, das lendas e da história da Boémia. O número dois desta série, *Vltava (O Moldava)*, foi composto

entre 20 de novembro e 8 de dezembro de 1874, tendo sido estreado em Praga a 4 de abril do ano seguinte, sob a direção de Adolf Čech.

Concebido de acordo com o modelo formal do rondó (incluindo ainda uma coda), este poema sinfónico descreve, segundo as notas do compositor para o seu editor, o percurso do rio Moldava, um dos principais rios da Boémia. As origens do curso de água em duas pequenas fontes nas montanhas são evocadas pelas primeiras figuras borbulhantes nas flautas e nos clarinetes, acompanhados por violinos e harpas. No seu percurso pelos bosques e pelos prados, assiste a celebrações camponesas e a um casamento aldeão, descritos com danças folclóricas, bem como às brincadeiras ao luar das ninfas do rio, antes de um episódio mais tempestuoso. Aquando da passagem por Praga e pelo mítico castelo Vyšehrad, a música alarga-se majestosamente, com o contributo dos metais, e o Moldava desaparece no horizonte, onde desagua tranquilamente no Elba.

Edward Elgar

(Broadheath, 1857 – Worcester, 1934)

Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Mi menor, op. 85

COMPOSIÇÃO 1918-19

ESTREIA Londres, 27 de outubro de 1919

DURAÇÃO c. 30 min.

Edward Elgar destacou-se no panorama da música britânica do seu tempo pela sua singularidade estilística, salientando-se em particular o contributo que forneceu para a literatura sinfónica. Finda a Primeira Guerra Mundial, durante a qual praticamente deixara de compor, Elgar recobrou a sua veia criativa, empenhando-se num conjunto de obras que marcavam uma viragem estilística no seu percurso, no sentido de uma linguagem mais concisa, intimista e elusiva. Estão em causa três obras de câmara e o Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Mi menor, op. 85, uma espécie de lamento por um mundo irrecuperável, composto em 1919. A estreia teve lugar a 27 de outubro desse ano, no Queen's Hall, com o violoncelista virtuoso Felix Salmond e a direção do compositor, no concerto de abertura da nova temporada da Orquestra Sinfónica de Londres.

O primeiro andamento, *Adagio – Moderato*, abre com um recitativo dramático que conduz à enunciação do tema principal pelas violas. Esta melodia resignada torna-se cada vez mais angustiada, culminando numa reiteração em

fortíssimo. Depois de uma secção central mais animada, em Mi maior, regressa a parte inicial, abreviada, que se liga, sem pausa, ao segundo andamento, *Lento – Allegro molto*, em Sol maior. Aqui, após um prenúncio interrompido por uma cadência, o solista lança um tema esvoaçante, por vezes pontuado por uma ideia mais eloquente, dirigindo-se ambos para uma conclusão brilhante. Segue-se o *Adagio*, em Si bemol maior, uma curta meditação em torno de uma melodia elegíaca que flui diretamente no andamento final. Depois de uma intervenção vigorosa da orquestra e de mais um recitativo expressivo do violoncelo, tem início um *Allegro, ma non troppo*, em Mi menor, que justapõe um primeiro tema enérgico e uma outra ideia contrastante. O desenvolvimento leva a uma breve reexposição de ambos, até que o tempo abranda em secções cada vez mais lentas, nas quais são recordados dolorosamente temas dos andamentos anteriores. A terminar, o dramático recitativo do primeiro andamento conduz desta feita ao vigoroso tema do andamento final, que a orquestra cita numa conclusão afirmativa.

Claude Debussy

(Saint-Germain-en-Laye, 1862 – Paris, 1918)

La mer

—

COMPOSIÇÃO 1903-1905, rev. 1908

ESTREIA Paris, 15 de outubro de 1905

DURAÇÃO c. 23 min.

Claude-Achille Debussy foi um compositor marcante para o século XX, pelas inovações que realizou e pelos caminhos que desvendou, tendo-se assumido como um dos pilares do Modernismo francês. O tríptico sinfônico *La mer*, sugestivamente subintitulado “esboços sinfônicos”, foi composto entre 1903 e 1905. A inspiração terá decorrido da admiração que nutria pelo modo como esse tema era tratado na pintura de Turner, que pôde conhecer em exposições em Paris e Londres, bem como na obra dos artistas japoneses Hiroshige e Hokusai, muito populares em França no final do século XIX. A gravura de Hokusai *A grande onda de Kanagawa* (1831) viria inclusivamente a figurar na capa da partitura impressa. A estreia de *La mer* teria lugar a 15 de outubro de 1905, em Paris, com a Orquestra Lamoureux sob a direção de Camille Chevillard, mas a obra não foi bem-sucedida nessa ocasião, não só devido à controvérsia que causou entre os músicos e o público, mas também à conta do escândalo que por essa altura gerava a relação tida como ilícita do compositor com Emma Bardac.

O primeiro andamento, *De l'aube à midi sur la mer*, consiste numa permanente interação entre fragmentos motivicos distintos e mudanças tímbricas imaginativas, em gestos que emergem e respingam à medida que o mar desperta e se acalma, numa textura cada vez mais densa, até que um coral de metais impõe o seu brilho, enquanto o sol do meio-dia irradia pelas águas. Segue-se *Jeux de vagues*, um *scherzo* caprichoso em que os *glissandi* e as velozes escalas de perfil não ocidental, assim como os ritmos irregulares, visam descrever a essência inconstante das ondas do mar, num desenvolvimento contínuo de motivos fragmentários e dissemelhantes, sempre envolvidos em timbres sofisticados. Por fim, *Dialogue du vent et de la mer*, que decorre num ambiente tempestuoso, baseia-se num intercâmbio mais tradicional entre material temático reconhecível, trazido por diferentes elementos das forças orquestrais, até que um coral ensolarado, introduzido pelas trompas num breve momento de acalmia, acaba por envolver toda a orquestra numa dissonância poderosa.

Maurice Ravel

(Ciboure, 1875 – Paris, 1937)

La valse

—

COMPOSIÇÃO 1919-1920

ESTREIA Paris, 12 de dezembro de 1920

DURAÇÃO c. 13 min.

Maurice Ravel foi um dos compositores mais originais do princípio do século XX, com uma obra musical de grande sofisticação, sensibilidade e refinamento. Apesar de nunca se ter assumido como o principal rosto do Modernismo, com a morte de Debussy, em 1918, passou a ser visto como o principal compositor francês em atividade. Em 1906, Ravel começou a esboçar a peça sinfónica *Wien*, concebida enquanto tributo à valsa vienense, mas só terminada a Grande Guerra voltaria a pegar no projeto, motivado pela encomenda de um novo bailado por Diaghilev. Porém, o mundo era agora um lugar diferente, e a própria valsa enquanto género perdera a conotação de uma despreocupada *joie de vivre*. Conquanto o compositor tenha negado tratar-se de uma alusão caricatural ou trágica à Europa do pós-Guerra, *La valse*, composta entre 1919 e 1920, surgia assim como uma fantasia apocalíptica em que é criada a sensação de uma superfície festiva sobre uma perturbadora voz subterrânea.

As breves linhas que Ravel deixou como argumento sugerem um cenário coberto de uma densa névoa, cuja dissipação gradual nos permite distinguir pares

que dançam a valsa num imenso salão de uma corte imperial, por volta de 1855, uma cena que se torna cada vez mais brilhante. A obra inicia-se por entre as brumas com os murmúrios perturbadores dos contrabaixos. Gradualmente surgem fragmentos de valsas, à distância, que conduzem a uma melodia deprimida nos fagotes e violas. Cabe à harpa libertar a luxuriante melodia de valsa que, conduzida pelos violinos, é tomada por toda a orquestra. Segue-se uma sequência de valsas de feições distintas: umas mais harmoniosas, outras mais animadas, outras ainda mais imponentes. No momento em que a música parece dirigir-se para um ponto culminante, regressa o nevoeiro inicial, que inaugura a segunda parte da peça. Todas as melodias da secção anterior reaparecem como memórias inesperadamente inquietantes, enquanto a valsa começa a entrar num turbilhão imparável. Mas mais uma vez, Ravel quebra o ímpeto, iniciando-se uma sequência desconcertante que conduz a orquestra a uma dança macabra. O compasso final – o único que não está em tempo de valsa – encerra a obra de modo brutal e implacável.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Aziz Shokhakimov

Aziz Shokhakimov é Diretor Musical da Orquestra Filarmónica de Estrasburgo e Diretor Artístico da Orquestra Filarmónica Tekfen (Turquia). Entre 2015 e 2021, foi *Kapellmeister* na Deutsche Oper am Rhein. Como maestro convidado, os compromissos para a presente e as futuras temporadas incluem as Sinfónicas de Atlanta, de Dallas e de Seattle, com destaque para a estreia do *Concerto para Trombone* de Andrew Norman, bem como a Filarmónica de Bergen e a Sinfónica de Basileia. Destaques de colaborações recentes incluem a Sinfónica de Viena, a Orchestre de la Suisse Romande, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica Nacional da RAI, a Sinfónica de Tóquio e a Filarmónica de Seul. Na temporada 2023/24, teve a oportunidade de se estrear na Ópera da Baviera (*Dama de Espadas*) e na Ópera Nacional de Paris (*Lucia di Lammermoor*). Com a Filarmónica de Estrasburgo, dirigiu uma nova produção de *Lohengrin* na Ópera Nacional do Rhin. Aziz Shokhakimov tem uma relação especial com o Festival de Salzburgo, onde foi distinguido com o Prémio para Jovem Maestro em 2016. Regressou em 2017 para dirigir o concerto dos laureados à frente da Sinfónica da Rádio de Viena, e em 2019 para dirigir na Cerimónia de Abertura. Aziz Shokhakimov nasceu em 1988 em Tashkent, no Uzbequistão. Aos seis anos ingressou na Escola de Música Uspensky, onde estudou violino, viola e direção de orquestra. Aos treze anos dirigiu a Sinfonia n.º 5 de Beethoven e o Concerto para Piano n.º 1 de Liszt, à frente da Sinfónica Nacional do Uzbequistão. No ano seguinte dirigiu a sua primeira ópera, *Carmen*, na Ópera Nacional do Uzbequistão. Em 2010 foi segundo classificado no Concurso Internacional Gustav Mahler, em Bamberg. Em 2023 recebeu o prémio da crítica musical francesa para a “personalidade musical do ano”.

Marco Pereira

Marco Pereira estudou violoncelo na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, com Paulo Gaio Lima. Frequentou posteriormente a Escuela Superior de Música Reina Sofia, em Madrid, onde foi aluno de Natalia Shakovskaya. Durante este percurso teve a oportunidade de trabalhar com outros grandes mestres do violoncelo como Natalia Gutman, Gary Hoffman, Phillippe Muller, ou Ivan Monighetti. Em 2003, Marco Pereira venceu o concurso da Juventude Musical Portuguesa, nas categorias de Música de Câmara e Violoncelo – nível superior, e recebeu o prémio Maestro Silva Pereira do Prémio Jovens Músicos. A nível internacional, foi-lhe atribuído um 1.º prémio no concurso Liezen International Wettbewerb für Violoncello, na Áustria. Recebeu também o 1.º prémio no VI Certamen de Música de Câmara del Sardinero, em Santander, em 2006. Foi também laureado no Concurso de Interpretação do Estoril e no Concurso Júlio Cardona, entre outros. A música para quarteto de cordas esteve sempre presente na sua carreira, atingindo o seu auge com a fundação do Quarteto de Cordas de Matosinhos. Este quarteto foi selecionado como *ECHO Rising Stars 2015*. Marco Pereira é 1.º Solista no naipe de violoncelos da Orquestra Gulbenkian. Apresenta-se regularmente como solista de concerto, tendo colaborado com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Joensuu Orchestra (Finlândia) e a Orquestra do Atlantic Music Festival (E.U.A.), entre outras. Foi professor de violoncelo na Universidade de Aveiro e na Universidade do Minho. É *D'Addario Bowed Artist* e *Faculty Artist* do Atlantic Music Festival – Watterville (EUA).

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Nelson Nogueira*
César Nogueira*
Juan Maggiorani*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Ana Sofia Faria*
Bernardo Barreira*
Ana Malheiro*

Orquestra Gulbenkian

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Micaela Miranda

Raquel Noemi

Márcia Marques

Sara Farinha

Bárbara Ferreira*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

João Valpaços

Hugo Paiva

Maria Leonor Moniz*

Maria José Falcão*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 1º SOLISTA

Marine Triolet 2º SOLISTA

Miguel Menezes

Diogo Pereira

Pedro Bettencourt Aparício*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Janete Silva 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Cândida Nunes 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*

Luís Campos 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

Bruno Costa 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Sofia Costa 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

Miguel Herrera 2º SOLISTA*

João Duarte 2º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA*

Ana Ester Santos 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Próximos concertos

Programas sujeitos a alterações

11 mai 25

DOMINGO 12:00 | 16:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Concertos de Domingo

Carmen em concerto

Orquestra Gulbenkian

Katharina Morin Maestra

Carmen, de Bizet



KATHARINA MORIN © DR

14 mai 25

QUARTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Vésperas de Rachmaninov

Coro Gulbenkian a cappella

Inês Tavares Lopes Maestra

Rachmaninov



CORO GULBENKIAN © DR

15 mai 25

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

16 mai 25

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Concerto para Piano n.º 3 de Beethoven

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Javier Perianes Piano

Beethoven, Bartók, Janáček



JAVIER PERIANES © IGOR STUDIO

CARTÃO GULBENKIAN

**Para quem vive
a Gulbenkian.**

**Escolha o Cartão
mais adequado para si.**

Adesão online
em poucos minutos.

Conheça todos os benefícios.

CARTÃO
GULBENKIAN

CARTÃO
GULBENKIAN
MAIS

Gratuito

65€ / ano

Troca de pontos por ofertas especiais



Descontos etários mais vantajosos



Desconto de 10% em publicações



Compra de assinaturas para a Temporada Gulbenkian Música



Acesso a bilhetes família



Levantamento antecipado de bilhetes para eventos gratuitos

1 DIA ANTES

2 DIAS ANTES

Entrada gratuita no CAM e exposições



Acesso prioritário a exposições



Compra antecipada de bilhetes avulso



Programação exclusiva



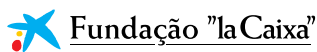
Desconto de 10% em artigos de loja



Saiba mais



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



